

Caxias, o Guardião do Brasil

Cel. Felício Lima

Comemoramos hoje o dia do soldado brasileiro, personificado na figura gloriosa do Duque de Caxias.

Nesta data, há 142 anos, nasceu Luiz Alves de Lima e Silva, incontestavelmente o maior dos nossos generais, tendo cooperado de um modo altruístico para a consolidação da independência do Brasil proclamada em 1822 por D. Pedro I, primogênito de D. João VI.

Os nossos legisladores, escolhendo o natalício do valeroso Duque de Caxias como significativo do "Dia do Soldado", tiveram por escopo render um preito de homenagem àquele glorioso vulto, àquele que em vida soube, com admirável tino e em todos os momentos difíceis, guiar os seus comandados nos campos de batalha e dirigir com um tato invulgar os seus compatriotas no verdadeiro caminho do legítimo dever para com a sua querida Pátria.

Falar, senhores, do nosso respeitável Marechal, será reproduzir toda a história do Brasil Império, desfalcada apenas de seu epílogo, bem caracterizado pela campanha da abolição da escravatura e das célebres questões militares, que tanto concorreram para a proclamação da nossa República. Fazer, pois, o panegírico da vida do ilustre varão — que só visava, com sua atuação nas questões desenroladas em nossa Pátria, manter a integridade do Brasil — é pôr em evidência suas nobres qualidades de soldado e cidadão.

Abraçando a carreira das armas, o fez pelo amor acendrado que votava ao Brasil, tendo se imposto ante os seus superiores e subordinados de tal modo que, já em 1831, pela criação do tradicional "Batalhão de Oficiais e Soldados", foi aclamado pelos companheiros de armas, entre os quais alguns de patentes mais elevadas, sub-comandante dessa legendária unidade, exclusivamente destinada a manter a ordem e a tranquilidade públicas.

Devemos a êste eminente vulto, em grande parte, o haver a República recebido do Segundo Império o Brasil integrado, visto ter sido êle o grande pacificador de todas as

contendas que tiveram por finalidade o desmembramento do nosso querido e grande território.

Jamais abusou da força bruta para esmagar os rebeldes. É digna de nota a sua intervenção em 1840, quando da pacificação do Maranhão, em que, tendo elementos poderosos para fulminar os revolucionários, preferiu a batalha da paz com a sua "Divisão Pacificadora do Norte", lançando uma proclamação que moveu o afeto dos amotinados, os quais se renderam sem que houvesse o disparo de um projétil.

Em consequência dessa forma de combater rebeldes resultou que, na pacificação de São Paulo, em 1842, indo ao encontro de três mil homens que haviam empunhado armas, levou consigo apenas quatrocentos soldados, dos quais grande parte era constituída por antigos rebeldes do Maranhão, que ainda estavam mal equipados. Tal fato deu lugar a que Antônio Carlos exclamasse: "Como?! para combater revolucionários da terra de Amador Bueno, mandam verdadeiros cadáveres ambulantes?!"

Antes de iniciar essa campanha memorável, assim fez despertar a coragem de seus soldados: "Paulistas! Chegou o tempo de mostrardes se sois homens ou vis cobardes. Ou se dirá — ainda há paulistas ou — os paulistas de hoje valem menos que mulheres. Coragem! paulistas, mostrai-vos como heróis e não como escravos. Morramos todos, mas não deixemos à posteridade exemplo de temor e cobardia!..."

Após as vitórias, não esquecia de fazer a seus soldados recomendações de respeitarem estritamente a vida e os direitos de propriedade dos habitantes dos lugares que pisavam. Esse modo de proceder fez com que as tropas de seu comando não deixassem atrás de si uma esteira de ódios. Daí sempre assinalar a sua passagem com as vitórias sobre o inimigo, por um rastro luminoso, não deixando qualquer vestígio de violência.

Pacificando o nosso grande Estado meridional, em 1845, fez a seguinte proclamação: "Rio-grandenses! É sem dúvida para mim de inexplicável prazer o ter de anunciar-vos que a guerra civil, que por mais de nove anos devastou esta bela Província, está terminada. Os irmãos contra quem combatíamos estão hoje congratulados conosco e já obedecem ao legítimo governo do Brasil."

Ao entrar nas campanhas platinas, lembrou aos seus comandados: "A verdadeira bravura do soldado é sempre nobre, generosa e respeitadora dos princípios de humani-

dade. A propriedade de quem quer que seja, amigo ou inimigo, nacional ou estrangeiro, é inviolável e sagrada; deve ser tão religiosamente respeitada pelo soldado do Exército brasileiro como a sua própria honra...”

Na guerra do Paraguai, devido ao malôgro de Curupaití, o governo brasileiro foi levado a nomeá-lo Comandante dos Exércitos Aliados. Logo ao assumir a espinhosa missão, reconheceu a impossibilidade do ataque frontal às posições inimigas e por isso empreendeu a famosa marcha de flanco, de Tuiutí a Humaitá, a mais bela concepção estratégica até então executada.

Assim é que êle soube, com maestria, na lutas internas, impor a paz em todos os Estados que se rebelaram contra o Segundo Império, sem, entretanto, ferir a dignidade daqueles que foram levados aos extremos das rebeliões; nas lutas externas, soube igualmente, em momento delicado para a nacionalidade, demover quer a crise que surgiu no Exército Aliado, ante o malôgro de Curupaití, quer os obstáculos que se ergueram na região fortificada da chamada posição inexpugnável de Humaitá.

A queda de Humaitá, seguiu-se a passagem do Chaco e o inimigo, em consequência, foi destroçado nas batalhas de Itororó, Avaí, Vileta, Lomas Valentinas, entrando Caxias em Assunção, o que resultou na fuga precipitada de Lopez de sua fortaleza de Angustura em demanda das Cordilheiras.

Caxias, agindo com êsse denodo, cobrindo de glória o Exército Brasileiro, reproduziu os feitos gloriosos de Alexandre, o Magno, na batalha de Arbelles; de Anibal, o Cartagines, em Canes; de Cipião, o Africano, em Zama; de Cesar, o Romano, nas Gálias; de Frederico, o Grande, na Guerra dos Sete Anos; de Napoleão, o Corso, em Iena e de muitos outros.

E dessa pleiade de guerreiros que faz porte o nosso querido Marechal, que, no entretanto, jamais foi vencido.

Torna-se preciso salientar mais uma vez que, aceitando Caxias o comando dos Exércitos Aliados, foi resolvida a grave crise que o notável escritor cearense, José de Alencar, resumiu em discurso de 1866. As palavras cintilantes do fluente orador como que desarmaram o braço dos Coriolanos para lançar na contenda guerreira a prole dos Cipiões. Sim, porque “as nações não caminham condenadas, como a tal mulher da Bíblia, a não volver os olhos atrás, para

não se transformar em estátua de sal.” Daí aquela sintética frase: “Prescindiram do homem da situação e ainda agora o teriam encostado como uma espada velha inútil, se depois de anos de espantosa incúria a questão paraguaia não tomasse de repente um aspecto medonho que gelou até a medula a Nação Brasileira!...”

Lembremos ainda que, a despeito do nosso imortal Caxias militar em partido contrário à situação dominante, quando convidado pelo Conselheiro Zacarias de Vasconcelos, presidente do Conselho de Ministros, para comandar as tropas brasileiras, a sua resposta foi esta: “Aceito o convite, Conselheiro; a minha espada não tem política.”

Eis o herói que teve por ideal supremo fazer o bem sobre a terra brasileira, tendo sempre aberta a sua alma acrisolada no amor pátrio e na caridade humana.

E assim foi a vida do nosso ínclito Marechal — cheia de amor ao Brasil e de benevolência aos seus concidadãos.

Quando em seu leito de morte, soube das moções de simpatia que vinham de todos os pontos cardiais da nossa Pátria, disse com aquele coração generoso que “...encheu a medida de seus ardentes desejos, por importar na certeza de que o seu país estava satisfeito dêle, pois reconhecia que cumprira o seu dever como cidadão e soldado”.

Senhores, recordemos enfim que, como descendentes do imortal Caxias, o soldado brasileiro jamais poderá deixar de revestir essa brilhante couraça formada de bravura, lealdade, denodo, firmeza e coragem, que deve ser a característica determinante de valorosos e nobres atos e a síntese mais elevada das virtudes militares.

25 de Agosto de 1945.